SBH
Pt 111 ex14
(112)
62/10/24
Fôlha de São Paulo

A Academia Paulista de Letras em crise vai renovar sua diretoria

Leonardo ARROYO

NO proximo mês de novembro, vão realizar-se, na Academia Paulista de Letras, eleições para a nova diretoria que dirigirá o sodalicio no bienio de 1962/63. A crise consequente da atitude do seu presidente, o poeta Aristeu Bulhão Seixas, que, num ato que mereceu a reprovação dos maiores nomes da Academia, porque oculta verdadeiras razões, considerou anulada a eleição, por aclamação, do prof. Fernando de Azevedo, ainda ferve nos bastidores do sodalicio.

Devemos tornar publico o que ocorre presentemente no sodalicio, uma vez que o poeta de "Pôr de Sol", como diz muito bem o escritor Fernando Góis, se agarra de unhas e dentadura ao cargo de presidente. Ali apenas, tem a função de apresentar, nas reuniões, votos de pesar por qualquer falecimento. Pretende, porem, ultrapassar a crise com o apoio de doze ou treze membros, admitidos por ele na Academia em manobras maliciosas. Mas a crise continua com advertencias pessoais ao presidente Aristeu Bulhão Seixas da parte dos que não concordam com sua politica.

A desconsideração ao prof. Fernando de Azevedo, que vem recebendo manifestações de solidariedade de toda parte, segundo se observa raia pelas culminancias da audacia e do desequilibrio, mesmo porque não encontra nenhuma razão logica valida, senão a da autocracia e do mandonismo. De um academico, por intermedio de um amigo comum, sabemos que está "inteiramente solidario com o prof. Fernando de Azevedo", mas "faz tudo que o Aristeu mandar". Esse academico, um romancista, faz parte dos doze ou treze que assistem normalmente às melancolicas reuniões da Academia.

FOLHA
de S. Paulo —
Um jor
24-10-62

Prof. Fernando de Azevedo

Presidencia: luta começada

Com a crise surgida na Academia, ao longo da qual o presidente foi publicamente censurado por alguns academicos, coincide a realização das eleições no proximo mês. Três nomes surgem no panorama da politica domestica do sodalicio: o do prof. Ernesto Leme, o do historiador Aureliano Leite e o do desembargador Manuel Carlos Figueiredo Ferraz. Os "imortais" descontentes consideram que falta projeção tanto intelectual como social ao poeta Aristeu Bulhão Seixas, incapaz tambem de dar à Academia Paulista de Letras a dinamização necessaria à sua liderança no movimento cultural de São Paulo.

Basta dizer, de passagem, que o presidente recusa ceder as instalações da Academia para a realização de conferencias, de cursos etc., como acaba de acontecer recentemente com o Curso de Literatura Brasileira que a Camara Brasileira do Livro está realizando no auditorio da FOLHA DE S. PAULO. Contudo, o poeta Aristeu Bulhão Seixas não quer ceder o lugar. E já está fazendo, como é da tecnica de sua politica, inclusive quando admite novos "imortais", correr uma lista de compromisso com sua candidatura. Na sessão de 17 de novembro de 1960, por exemplo, foi eleita a atual diretoria. Nela compareceram apenas 18 academicos, mas "votaram 31 academicos", conforme se vê da ata dessa sessão.

Os três nomes apontados para a presidencia contam com amplas possibilidades de vitoria. Mas o poeta Aristeu Bulhão Seixas é temido por varios "imortais", entre os quais muitos se solidarizaram com o prof. Fernando de Azevedo pessoalmente, mas temem contrariar o melancolico poeta de "Pôr do Sol", publicamente.

Artigo referente à crise na Academia Paulista de Letras

SBH
Pt 111 ex 14
(2/2)

Teoria de composição

Façamos um exame da situação interna da Academia Paulista de Letras com base nas atas de suas sessões realizadas em 1960 e 1961, e através de cuja leitura se esclareçe perfeitamente a unica atividade intelectual do presidente do sodalicio: propor votos de pesar por falecimento. A Academia Paulista de Letras é constituida de 40 membros. Em 1960, a media de comparecimento de academicos às reuniões, que se realizam mensalmente, foi de 14,2 pessoas. Em 1961, essa media caiu para 13,7 pessoas. Na sessão de 17 de novembro de 1960, por exemplo, quando se esperava grande comparecimento para a eleição da diretoria, apenas 18 academicos estiveram presentes.

Aristeu Bulhão Seixas

Por que essa abstinencia de academicos? A explicação está no proprio presidente da entidade sempre surdo aos seus imperativos. Dos 40 membros titulares da Academia, 9 praticamente não comparecem por motivo de doença: 7 se afastaram por entrarem em conflito com o poeta de "Pôr de Sol"; 3 residem fora da cidade. São ao todo 19 membros. Restariam, portanto, 21 academicos. Sendo a media de comparecimento (1960 e 1961) de 13,9 academicos, conclui-se que mais 8 "imortais" não se interessam pela Academia na situação em que se encontra. Logo, o presidente Aristeu Bulhão Seixas, para continuar cometendo suas arbitrariedades e cultivando seus processos tortuosos de admissão de novos socios, conta apenas, na verdade, com 13 academicos.

O levantamento que fizemos sobre o panorama academico nos leva à possibilidade, sem erro, de enumerar os treze (13) academicos praticamente responsaveis pela situação de desprestigio, de sonambulismo, em que se encontra a Academia Paulista de Letras. Por espirito de justiça, contudo, e compreendendo inclusive o espirito erradamente cristão que move alguns desses "imortais", não o podemos fazer.

Mesmo entre esses 13 academicos, há varios que inutilmente vêm tentando convencer o atual presidente de que suas atitudes revertem exclusivamente em prejuizo do renome da Academia Paulista de Letras. Ilustra o fato o ocorrido com o prof. Fernando de Azevedo. Muitos academicos foram maliciosamente mal informados das verdadeiras razões da crise pelo poeta Aristeu Bulhão Seixas.

O poeta vai ser reeleito

A desconsideração ao prof. Fernando de Azevedo encontrou ampla repercussão nos meios intelectuais de São Paulo. O poeta Aristeu Bulhão Seixas foi publicamente censurado, não só por este cronista (que nada tem com o poeta, pois nem sequer o conhece pessoalmente, mas tem, e muito, contra o processo tortuoso com que admite novos "imortais" e sua morbida vaidade que impede a atualização da Academia no meio cultural paulista), como tambem por Luís Martins, Fernando Góis, Brasil Bandecchi e Pericles da Silva Pinheiro, unanimes em apontar a triste condição em que ficam os academicos à mercê de sua desabusada autoridade presidencialista.

O tragico de tudo isso, porem, em que pesem os três nomes sugeridos, entre os proprios "imortais", para a presidencia da Academia Paulista de Letras, é que o poeta Aristeu Bulhão Seixas poderá ser reeleito no proximo mês. A sua lista já está correndo e só não triunfará caso aconteça um milagre. Esse milagre estaria nas mãos do academico Julio de Mesquita Filho, velho amigo do prof. Fernando de Azevedo. Segundo nos informaram alguns academicos, o academico Julio de Mesquita Filho é a unica pessoa capaz de, com seu indiscutivel prestigio, resolver a crise da Academia Paulista de Letras. Ele pode inclusive concordar com a reeleição do poeta Aristeu Bulhão Seixas, mas pode tambem fazê-lo reconsiderar seu ato em relação ao prof. Fernando de Azevedo, de modo a pacificar a familia de "imortais" e a manter o respeito que a Academia Paulista de Letras deve merecer de todos nós.

Continuação do artigo referente a crise na Academic Paulista de Letras